



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

GUILHERME CARNEIRO SILVA

A CRIANÇA E O “MITO”:
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS VISUAIS SOBRE A INFÂNCIA MILITARIZADA
NO BOLSONARISMO

GUILHERME CARNEIRO SILVA

**A CRIANÇA E O “MITO”:
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS VISUAIS SOBRE A INFÂNCIA MILITARIZADA
NO BOLSONARISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Emilene Leite Sousa

GUILHERME CARNEIRO SILVA

**A CRIANÇA E O “MITO”:
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS VISUAIS SOBRE A INFÂNCIA MILITARIZADA
NO BOLSONARISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Comunicação Social – Habilitação em
Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão,
como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dra. Emilene Leite Sousa

Aprovado em ____/____/____

Banca examinadora

Prof.^a Dra. Emilene Leite Sousa (Orientadora)

Prof.^a Dra. Luciana Da Silva Souza Reino (Examinadora)

Prof.^a Dra. Roseane Arcanjo Pinheiro (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida e por ter escrito certo, por linhas certas, a trajetória que me trouxe até aqui.

À minha mãe, Erinalva Carneiro, minha maior inspiração, que sempre acreditou em mim e nunca mediu esforços para apoiar meus estudos.

Ao meu pai, Francisco Liberato, e a toda a minha família, pelo cuidado, carinho e presença constante. Aos meus irmãos, Gabriel Carneiro e João Gustavo, e aos meus avós, Maria do Carmo e Manoel Messias, que me ensinaram o valor da bondade e da honestidade.

Aos amigos que a universidade me deu, meu sincero agradecimento. Em especial, à Aline Xavier, Denise Ribeiro, Fabiana Viana e Venilson Cordeiro, por tornarem essa caminhada mais leve, divertida e acolhedora.

Agradeço à Alice Xavier, por seu amor à educação e por ter me acolhido como um filho. À minha tia Linda, por ter me amado de uma forma tão genuína e por continuar me protegendo lá de cima.

À minha orientadora, Profa. Dra. Emilene Leite, minha profunda gratidão pela confiança, pelas oportunidades no campo da pesquisa científica e por caminhar comigo até aqui.

Ao Paulo Vitor, por todo amor, cuidado e apoio nos momentos de crise.

E, por fim, agradeço a mim mesmo. Por não ter desistido.

Ainda há tempo.

- Criolo

RESUMO

Este trabalho analisa como os discursos visuais do bolsonarismo contribuem para a construção de uma infância militarizada no Brasil contemporâneo. A partir de uma abordagem etnográfica, foram examinadas 23 imagens e depoimentos de Bolsonaro com crianças, sobretudo em contextos de campanhas eleitorais, coletadas nos entre março e abril de 2025 e que circularam entre 2018 a 2024, além de eventos públicos, nos quais surgem representações infantis associadas a fardas, armas e gestos militares. Inspirado em Toren (Regitano e Toren, 2019), o estudo compreende texto e imagem como dados complementares, igualmente passíveis de interpretações e equívocos, rejeitando a hierarquia entre palavra e imagem. Os resultados indicam que o bolsonarismo promove uma concepção própria de infância, marcada pela adultificação das crianças e pelo uso de seus corpos como vitrines de valores conservadores — disciplina, autoridade, patriotismo e masculinidade hegemônica — ao mesmo tempo em que naturaliza a violência e a militarização simbólica. Essa lógica se estende à institucionalização do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, que reforça uma pedagogia de obediência e controle, restringindo autonomia e criatividade infantil. Assim, a infância aparece como um campo estratégico de disputa simbólica e cultural no bolsonarismo, sendo instrumentalizada como território ideológico. O estudo contribui para os debates da antropologia, dos estudos da infância e da teoria política ao evidenciar a necessidade de compreender a criança como sujeito de direitos, pluralidade e autonomia, em oposição a qualquer forma de militarização simbólica ou institucional.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. “Você sabe atirar? Você sabe dar tiro? Atira. Policial tem que atirar”, disse Bolsonaro.

23

Figura 2. Bolsonaro ensina criança a imitar uma arma 24

Figura 3. Bolsonaro e criança fazem juntos gesto arma 25

Figura 4: Garoto posa fazendo gesto de arma enquanto Bolsonaro o segura 25

Figura 5: Deputado do ES publica foto de filha de 10 anos empunhando pistola

26

Figura 6. Em convenção de Bolsonaro, criança simula armas com as mãos 27

Figura 7: Crianças com camisetas do Bolsonaro e segurando armas 27

Figura 8: Bolsonaro ergue criança fardada e com arma de brinquedo 29

Figura 9: Bolsonaro e Capitão Mirim posam para foto 30

Figura 10: Perfil no instagram do Capitão Guerra Mirim 31

Figura 11: Bolsonaro e Bolsonarinho de apertando as mãos 32

Figura 12: Bolsonarinho bate continência a Bolsonaro 33

Figura 13: Publicação feita por Bolsonaro 34

Figura 14: Publicação feita por Bolsonaro no X 35

Figura 15: Relato de um pai e seguidor de Bolsonaro 36

Figura 16: Pai compartilha foto de bebê usando camisa com estampa militar 37

Figura 17: Pijama de bebê com tema de bolsonaro 38

Figura 19: Crianças uniformizadas em escola cívico-militar 40

Figura 21: Bolsonaro inaugurando escola cívico-militar durante a pandemia 43

Figura 22: Bolsonaro durante visita a escola cívico-militar de São Paulo 44

Figura 23: Bolsonaro sorrindo para estudantes de escola cívico-militar 44

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
2. INTRODUÇÃO	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1 Discursos visuais na política	11
3.2 A infância	13
3.3 O bolsonarismo e a militarização da infância	15
4 METODOLOGIA	18
4.1 A imagem como produtora de representações	19
5. RESULTADOS	22
5.1 Você sabe atirar?	22
5.2 Bolsonaro só para baixinhos	28
5.3 Ensinando a marchar	33
5.4 Materialismo no Bolsonarismo	36
5.5 Formando Militares	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45

1 APRESENTAÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso é fruto de uma trajetória de pesquisa iniciada ainda em 2024, por meio de um projeto de iniciação científica orientado também pela Profª Dra. Emilene Leite de Sousa e que está vinculado ao mesmo tema central levando o título de “Você sabe atirar? A representação da infância na campanha de militarização no Bolsonarismo”. Portanto, o TCC dá continuidade e aprofunda questões já levantadas anteriormente, funcionando como uma extensão e complementação daquele primeiro estudo.

É importante destacar que o PIBIC foi fundamental não apenas como orientador do desenvolvimento analítico desta pesquisa, mas também para o meu amadurecimento pessoal enquanto aspirante a pesquisador. Além disso, este trabalho dialoga diretamente com um artigo da minha orientadora, que aborda de maneira pioneira os temas aqui discutidos. Seu texto serviu como base teórica e inspiração para o desenvolvimento das análises propostas, ampliando as possibilidades de leitura crítica sobre a visualidade da figura infantil no contexto do bolsonarismo.

2 INTRODUÇÃO

Este projeto objetiva examinar a relação entre o bolsonarismo e a infância mediante a análise de imagens no período de 2018 a 2022 o que, de acordo com o nosso argumento, produz com sua estética um discurso sobre a infância militarizada.

O uso da palavra "mito" no título deste trabalho faz referência direta ao modo como Jair Bolsonaro é popularmente denominado por seus apoiadores. Mais do que um apelido, "mito" opera como um dispositivo simbólico central na construção da imagem do ex-presidente, conferindo-lhe um caráter heroico.

Portanto, propomo-nos a explorar com profundidade a seguinte questão: qual estética sobre a infância o bolsonarismo produz por meio de seus discursos imagéticos? O projeto dispõe de um banco de imagens e vídeos produzido ou capturados da Internet e é utilizado para examinar a relação entre infância e o avanço de regimes de ultra-direita, com ênfase especial na relação entre o Bolsonarismo e a representação de crianças. Este aspecto do estudo visa entender como as imagens contribuem para a construção de narrativas políticas em um

período de significativa mudança política no Brasil.

O bolsonarismo opera como uma representação, uma expressão brasileira de um movimento de extrema direita que ganhou força mundial, com apelo às forças armadas e polícias, milícias e bancadas “BBB”, numa tentativa de saciar os grupos que se sentiram excluídos, ressentidos ou represados ao longo dos anos da “Nova República” (Reis, 2020, p. 08).

Como se sabe, o republicanismo tem como traços principais a valorização da participação na vida pública, a busca de liberdade civil na deliberação sobre os rumos da sociedade e a capacidade de sacrificar o interesse pessoal em prol do Estado ou da coletividade (Miguel, 2007, p. 48-49). As ideias defendidas por Bolsonaro parecem operar ao revés dos valores republicanos e do mundo da política, ao mesmo tempo em que a informalidade com que expressa opiniões e visões de mundo é uma estratégia de representação que afeta o ponto de vista de sua plateia. Sobre este aspecto nos apoiamos na noção de representação, como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (Goffman, 1985 [1956], p. 29).

Parece-nos que por meio de suas campanhas, Bolsonaro rompe com uma noção que se consolidou por volta do século XVII e que se baseou no reconhecimento da diferença entre crianças e adultos (Ariès, 1986 [1960]), o que se observa até os dias de hoje nas sociedades ocidentais. Ademais, analisar a estética da infância por meio da construção discursiva bolsonarista pode explicar um projeto de nação e, igualmente, de poder.

O projeto pretende ser uma contribuição para as Ciências Sociais, principalmente ao tocar em uma temática que merece ser mais bem explorada, qual seja, infância e política (Jenkins, 1998), e, mais ainda, infância e bolsonarismo (Matos Lins, 2021). A literatura das Ciências Sociais tem questionado as diversas formas de silenciamento sistemático e histórico de grupos minoritários de nossas sociedades, como o fez Spivak (2010 [1984]). Esses grupos têm mostrado seu poder, sua capacidade de pensar, seu modo de agir e sua autonomia, mesmo dentro dos determinantes sociais a que estão submetidos (Lima e Sousa, 2020; Sousa 2018). Dentre estes grupos estão as crianças, razão pela qual as Ciências Sociais têm reconhecido que precisa incorporá-las em investigações sobre temáticas que geralmente são conduzidas sobre adultos (Toren, 2010). Afinal, é importante frisar

que “todos os eventos, grandes e pequenos, terão repercussões sobre as crianças, como parte da sociedade” (Qvortrup, 2011, p. 202).

Todavia, no caso específico das crianças, elas ainda são representadas politicamente por adultos, sejam eles mães, pais, professoras, conselheiros tutelares, promotores, juízes, psicólogos, etc., que advogam pelo o que acreditam ser o melhor interesse das crianças (Pires, Falcão e Silva, 2014). Portanto, a noção de autonomia das crianças não se estende amplamente ao âmbito político, ao contrário, “as crianças continuam sendo o único grupo social totalmente privado de direitos políticos explícitos” (Sarmiento, Soares e Tomás, 2005, p. 01). Indo além no argumento, Castro (2016) afirma que “a criança é entendida como um ser não político”, na medida que sua participação é sempre mediada pelos adultos. Ademais, articulamos categorias e métodos que interessam à Antropologia, à Sociologia e à Ciência Política na análise de um modelo de infância que tem sido produzido sob nossos olhos.

Neste sentido, o **objetivo geral** deste trabalho foi analisar como os discursos visuais produzidos no bolsonarismo contribuem para a construção de uma infância militarizada. E como **objetivos específicos** formulamos: a) Investigar como o bolsonarismo, por meio de políticas públicas e práticas discursivas, promove a militarização da infância; b) Interpretar imagens nas quais crianças são apresentadas em contextos militarizados ou vinculadas à figura de Jair Bolsonaro; c) Analisar de que forma essas imagens articulam valores como disciplina, patriotismo, hierarquia e autoridade à figura da criança, transformando-a em um símbolo do projeto ideológico bolsonarista; d) Compreender como os discursos visuais sobre a infância produzidos pelo bolsonarismo operam na construção de um imaginário coletivo que naturaliza a presença da lógica militar em espaços civis, especialmente na educação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3. 1 Discursos visuais na política

Vivemos em uma sociedade moldada por discursos visuais. Debord (1967) caracteriza isso como uma “sociedade do espetáculo”, onde a realidade é estruturada por um conjunto de signos formados a partir das imagens que o indivíduo tenta transmitir de si mesmo. Essa representação está inserida nos cenários sociais, onde o espetáculo se manifesta por meio de “um conjunto de símbolos historicamente construídos pelos homens e introduzidos nas mentes das gerações futuras” (Souza, 2005 p. 62). Arendt (1995) ressalta que os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. Nesse mesmo sentido, Geertz ressalta a forma como o homem está amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, revelando como os discursos visuais moldam profundamente a forma como vemos e interagimos no mundo.

Ainda nos anos 1960, Debord (1967) apontava para a centralidade da imagem no exercício do poder. Atualmente, as novas tecnologias se expandiram significativamente, aumentando tanto o acesso das pessoas a essa metanarrativa de vida quanto a participação nas plataformas de mídias sociais. Desta forma, os discursos visuais que são produzidos nesses ciberespaços, são carregados por disputas simbólicas, ideológicas e culturais. Bakhtin (1997, p. 31) afirma que todo “corpo físico” pode ser percebido como um “símbolo” pois, “sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e a refratar uma outra realidade”, dessa forma, qualquer coisa concreta e material (como o corpo humano, objetos, ações) pode carregar significados.

Knauss (2008) aponta que o conceito de estudos visuais não é uniforme entre os autores. Ele analisa duas abordagens centrais desenvolvidas por pesquisadores que se dedicaram ao tema, destacando suas diferentes perspectivas e problematizações:

Inicialmente, pode-se caracterizar uma definição abrangente que aproxima o conceito de cultura visual da diversidade do mundo das imagens, das representações visuais, dos processos de visualização e de modelos de visualidade. W. J. T. Mitchell (1994) cunhou nos anos 90, nos EUA, a expressão *pictorial turn* para tratar a discussão teórica que se desenvolveu

sobre a imagem. Mitchell chama de pictorial turn o que poderíamos traduzir como virada pictórica, enfatizando o figurado como representação visual. Martin Jay (2002), por sua vez, acompanhando essa vertente abrangente da definição de cultura visual substitui a categoria de pictorial turn pela de visual turn ou virada visual. Abandona a ênfase no pictórico, ou figurado, para acentuar o visual e a visualização (KNAUSS, 2008, p. 155).

Nesta perspectiva abrangente dos discursos visuais, Souza (2005) nos convoca a pensar em como várias estruturas do poder político fazem uso de signos de caráter cênico a fim de se consolidar em uma sociedade e influenciá-la por meio de imagens, que são ferramentas enraizadas no cotidiano humano e ideias para quem busca legitimação ideológica. Stuart Hall (2003), destaca que elas são representações carregadas de significados e atuam por meio de códigos culturais que podem reforçar ou desafiar hegemonias.

Balandier (1982), acredita que as estruturas de poder precisam desse caráter cênico para se consolidar, pois quando estabelecidas somente por força bruta, tem sua existência constantemente ameaçada, mas sua consolidação acontece de fato, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e por fim, pela sua organização em um quadro cerimonial.

Numa época de avanços tecnológicos, onde é possível uma maior produção e circulação de imagens, grupos políticos passaram a utilizar com muita intensidade a propaganda visual como uma forte ferramenta estratégica, de modo semelhante, a figura de Jair Bolsonaro emerge como um exemplo emblemático da teatralização para firmar sua posição pública por meio de imagens que não apenas constroem sua estética controversa, mas também operam como dispositivos ideológicos que buscam legitimar uma visão de mundo militarizada e conservadora, explorando o apelo emocional que a presença infantil desperta na esfera pública.

3.2 A infância

Historicamente a infância é compreendida como uma etapa que estabelece a criança como um ser incapaz ou incompleto, foi somente ao final do século XX que surgiram estudos centrados em buscar entender as crianças e suas vidas por elas mesmas, observando o que elas são, não o que viriam a ser. De lá até aqui, diversos autores problematizam essa ideia de que as crianças tenham um papel específico de produção de uma população adulta (Alanen, 1988; James; Prout, 1997; Mayall, 2013; Sarmiento, 2005). Mesmo com os avanços nos métodos e técnicas de

pesquisa dos antropólogos, as ciências políticas ainda permanecem bastante desinteressadas nos estudos da infância se comparado a outras disciplinas acadêmicas. Jens Qvortrup (2010) defende que se ela manifesta alguma curiosidade pelas crianças, seu interesse se concentra na socialização política. Para o autor, a pouca atividade política voltada para essa faixa etária se direciona sobretudo em como preparar melhor as crianças para se tornarem pessoas responsáveis politicamente, suficiente para satisfazer a expectativa mínima de um sistema democrático: votar.

A ideia de criança como um ser em formação, desprovido de agência própria, moldou discursos políticos, pedagógicos e sociais. Para o psicólogo norte-americano James Garbarino (1986) ser criança é estar protegido das demandas econômicas, políticas e sexuais, dessa forma, ele defende a segregação do mundo das crianças e dos adultos e que essa definição deveria ser levada em conta por educadores, políticos e pais (1986,p.120), em contrapartida, Qvortrup (2010), levanta o seguinte questionamento:

Deveríamos fazer de tudo para proteger as crianças ao preço de deixá-las fora da “sociedade” ou deveríamos reconhecê-las como pessoas, participantes, cidadãos com o risco de expô-las às forças econômicas, políticas e sexuais – vistas como um perigo por Garbarino? (QVORTRUP, 2010, p. 779).

Qvortrup (2010: p 779), reconhece que de fato “ninguém está disposto a sacrificar a necessária proteção das crianças expondo-as a todos os riscos de uma sociedade moderna”, mas também acredita que Benedict (1938) e Ariès (1982) tem bons argumentos opostos ao de Garbarino. Para os dois autores, é lamentável que as crianças tenham perdido sua posição como participantes da sociedade. Jens Qvortrup, considera que a infância e a política estão inerentemente ligadas, e mantê-las fora da economia e da política seria irrealista, uma vez que as crianças são parte de um projeto que faz delas a principal matéria para a construção do futuro.

Segundo Castro e Grisolia (2016), novos esforços para aproximar os campos da política e infância têm surgido através da revisitação do termo de cidadania, eles apontam que autores como (Jans, 2004; Larkins, 2014; Lister, 2007; Moosa-Mitha, 2005) sustentam que possuir direitos é uma das características de ser cidadão, portanto, as crianças devem, pelo menos em parte ser vistas como cidadãos, os dois autores sugerem que:

Crianças provavelmente não exercem sua cidadania da mesma forma que os adultos, mas, de fato, devem ser consideradas cidadãs porque na medida em que participam da vida social e de sua reprodução possuem determinadas responsabilidades e determinados direitos (CASTRO; GRISOLIA, 2018, p. 974).

Essa emergência de um novo horizonte normativo dos direitos da criança apontadas pelos autores Castro e Grisolia, apresentam um outro patamar nas relações intergeracionais. Mesmo que não haja rotas estipuladas que sejam precisamente efetivas para essa nova gramática geracional entre adultos e crianças, é preciso reconhecer a “presença desse novo interlocutor alçado à condição de sujeito que, como tal, é aquele que pode dizer de si, do que sente e deseja” (Castro; Grisolia, 2018, P. 975). Para Pereira (2018), Reconhecer a universalidade, a alteridade e a diversidade da infância permite-nos compreender as formas sutis, porém complexas e profundas, de como a infância reflete a sociedade e também se constitui nela.

3.3 O bolsonarismo e a militarização da infância

Nos últimos anos, tem-se observado o fortalecimento do neoconservadorismo e do neoliberalismo em escala global, acompanhado pelo crescimento de correntes de direita mais radicais, por meio de movimentos que compartilham características semelhantes em diversos países (Lima E Hyolito, 2019). No Brasil, essa virada neoconservadora ocorreu dentro de um cenário internacional marcado por reações contra mudanças percebidas como ameaçadoras às tradições e aos valores culturais (REIS, 2020, p. 1). Esse processo ganhou força com a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2019, evento que simboliza o surgimento do que se convencionou chamar de bolsonarismo (Catalani, 2018; Freixo E Pinheiro-Machado, 2019; Carvalho Júnior E Carvalho, 2020).

Matos (2021), aponta que com o reposicionamento das extremas direitas, a laicidade, secularização e pluralidade nos países latino-americanos vêm sendo atacadas no Brasil, o mesmo vem acontecendo por meio do bolsonarismo. Chagas (2021), destaca que ao longo de sua história, o Brasil sempre foi pródigo em personagens folclóricos na política:

Grande parte de seus políticos de maior expressão teve certa faceta pitoresca ou extravagante. Chama a atenção, por exemplo, o modo como atores políticos sistematicamente mobilizam artifícios lúdicos e popularescos em suas respectivas campanhas eleitorais, a fim de persuadir o eleitorado (CHAGAS, 2021, p.175).

O autor defende que durante a disputa das eleições de 2018, Bolsonaro tenha usado o humor como estratégia para disputar visibilidade midiática, tudo isso principalmente por meio de um ecossistema integrado de grupos de discussões políticas no WhatsApp, com o intuito de mobilizar artifícios lúdicos e popularescos para persuadir o eleitorado.

Rennó (2022), compreende o bolsonarismo como sendo um fenômeno multidimensional que congrega diferentes vertentes da direita nacional em um mesmo projeto, com base ideológica que usa manipulações retóricas em torno do medo de um “inimigo” como, para os bolsonaristas, estaríamos todos sob essa ameaça (ficcional) do comunismo, do globalismo, marxismo cultural e da cristofobia, da pedofilia como uma prática meramente esquerdista, da erotização precoce das crianças e da ideologia de gênero. Matos (2021), acredita se tratar de uma espécie de nova cruzada moral e espiritual, onde uma estratégia importantíssima do bolsonarismo - nessa batalha da ditadura hétero-militar- acontece com ênfase na educação de crianças e jovens contra os “males” mencionados acima.

É neste cenário de crescente conservadorismo que o tema da militarização das escolas públicas surge. Como aponta Mesquita (2024), esse movimento ganhou força e visibilidade no projeto de governo do ex-presidente da república Jair Messias Bolsonaro, eleito em 2018. A autora destaca que isso pode ser constatado ao se observar a proliferação de projetos e políticas de reformas reacionárias e retrógradas que vem invadindo a escola pública.

O educador brasileiro Paulo Freire (1996) aponta que o modelo de militarização descaracteriza a escola pública como um espaço de promoção da formação humana crítica, da educação para a libertação, com base na ação dialógica, inclusiva e emancipatória do educando e da educanda. Semelhante a isso, Delma Lúcia de Mesquita acredita que a bandeira da militarização da educação vem sendo defendida por seus apoiadores e encontra-se enraizada em setores da nossa sociedade desde há muito tempo e que esse movimento sócio-político e cultural conservador vem:

transformando a educação em processo de domesticação, banalizando o papel de gestores e professores, aproximando-os mais da função de doutrinadores morais e modeladores de comportamentos, afastando-os tanto da coordenação do processo de gestão democrática da escola pública quanto de seu imprescindível papel e responsabilidade na formação do (a) cidadão (ã) que deverá atuar para fazer funcionar a democracia (MESQUITA, 2024, p. 21).

A militarização da educação pode ser observada em formatos variados, mas aqui queremos destacar as chamadas escolas cívico-militares. A nomenclatura foi cunhada pelo Governo Federal, a partir do Decreto nº 9.465, de 2 de janeiro de 2019, quando criou no âmbito do Ministério da Educação a Subsecretaria de Fomento às Escolas Cívico-Militares (BRASIL, 2019a). Até então, nenhuma escola militarizada utilizava essa denominação. Souza e Santos (2022), explicam que o programa é instituído a partir da adesão voluntária dos municípios e a nova gestão modifica as diretrizes do ambiente escolar e que tem como base o discurso de que o militarismo é um “reforço” educacional:

A proposta tem como objetivo aprimorar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas, fundamentando-se no discurso do “alto nível” dos colégios militares do Exército, das Polícias e dos Corpos de Bombeiros Militares. O discurso de alto nível dos colégios que aderiram a essa vertente é proliferado pela mídia e legitimado pelos índices de aprovações em exames nacionais. O funcionamento pedagógico das escolas cívico-militares tende a ser similar ao dos Colégios Militares, em que os militares atuam no apoio à gestão escolar e na gestão educacional, enquanto o trabalho didático- pedagógico é realizado dos professores e de demais profissionais da educação (SOUZA E SANTOS, 2024, p. 3).

Um documento com orientações para a implantação do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares foi publicado pelo Ministério da Educação em 2020, a própria linguagem encontrada neste manual, aproxima o contexto escolar ao dos quartéis. Mesquita (2020), acredita que isso evidencia o teor disciplinar e de controle repressivo sobre a liberdade de expressão e de organização política que tenta se estabelecer no ambiente educacional das escolas cívico-militares e destaca outros valores se destacam nesse contexto de militarização das escolas públicas: respeito, camaradagem, lealdade, patriotismo, civismo, meritocracia, culto à tradição, princípio da autoridade, disciplina, valor à família, aprimoramento técnico-pessoal e fé na missão do exército.

Mesquita (2020), destaca que o perfil de cidadão que se espera formar nesse modelo de gestão militarizada, atua somente como mero espectador das imposições

governamentais, movido principalmente pela passividade e alienação, incapaz de abrir espaços para mudanças, se fazendo incapaz de contribuir para a manutenção de injustiças e desigualdades sociais. A autora ainda defende que todo esse sistema baseado no controle, na coerção política e ideológica, pautado em valores de submissão, racionalidade e meritocracia, consistem numa estratégia travada pelo bolsonarismo que vai muito além da militarização das escolas. Para ela essa ambição nacionalista cristã pela educação passa a ser utilizada como ferramenta para promover uma visão autoritária de mundo, esvaziando o debate democrático e reconfigurando, desde a infância, os processos de socialização política e formação subjetiva das crianças.

4 METODOLOGIA

No total, foram analisadas 23 imagens que circularam no período de 2018 a 2022 e foram coletadas entre os meses de março e abril de 2025. A coleta concentrou-se em diferentes espaços digitais e midiáticos, incluindo redes sociais de ampla circulação (Facebook, Instagram e Twitter/X), plataformas de compartilhamento de vídeos, sites jornalísticos e portais de notícias que documentaram a trajetória pública de Jair Bolsonaro.

O critério de seleção privilegiou imagens que apresentassem crianças em interação direta com o ex-presidente, seja em eventos oficiais, campanhas eleitorais ou manifestações de apoio, nas quais emergiam elementos associados à estética militar como fardas, armas de brinquedo e posturas corporais disciplinadas. Inspirados na perspectiva etnográfica defendida por Toren (Regitano e Toren, 2019), entendemos essas imagens não como ilustrações de fatos, mas como produtoras de representações, passíveis de interpretações múltiplas e ambíguas. Assim, ao situar as imagens no mesmo patamar epistemológico da palavra, buscamos problematizar o modo como elas compõem uma narrativa visual que participa ativamente da construção simbólica da infância no bolsonarismo.

Em termos metodológicos, optamos por uma análise etnográfica, o que para Toren definiria a própria disciplina antropológica (Regitano e Toren, 2019). Compreendemos que mais do que um método, a etnografia consiste, sobretudo, num modo particular de analisar. Ao tratar de uma possível relação hierárquica entre escrita e imagem, Toren afirma que é possível realizar análises etnográficas sem necessariamente produzir uma hierarquia entre escrita e imagem “você pode ter uma fantástica análise etnográfica de filmes, assim como você pode ter uma fantástica análise etnográfica e escrita” (Regitano e Toren, 2019, p. 297). Logo, imagens estariam no mesmo nível das limitações das palavras, não devendo haver uma supremacia de um modo de etnografar sobre o outro. Qualquer equívoco nas interpretações pode ser cometido a partir do que se está observando, do que é dito ou feito, logo, “o trabalho com imagens, em certo sentido, tem, obviamente, o mesmo problema, porque você pode olhar para elas e pensar que você sabe do que vê” (Regitano e Toren, 2019, p. 298). Apoiadas em Toren, nos propomos a analisar etnograficamente os depoimentos e as imagens diretas de Bolsonaro com crianças.

Selecionamos imagens que, junto com outras formas discursivas, nos apoiaram na interpretação da construção estética da infância no bolsonarismo.

A imagem como produtora de representações

Fez parte da agenda das duas campanhas eleitorais de Bolsonaro, nos anos de 2018 e 2022, e no que nos cabe aqui analisar, das três campanhas, o uso constante da mídia, tal como já havia observado Schwarcz (2020) em ações mais gerais do governo. E nesta captura, depoimentos e imagens compõem juntos, de modo interdependente, uma representação sobre a infância e as crianças que precisa ser mais bem examinada. Logo, como critério de seleção das imagens, buscamos fotografias em que Bolsonaro aparecia com as crianças nas mais diversas situações. Não raramente, em uma mesma imagem, encontramos crianças armadas e com fardas militar ou policial em meio às multidões de apoio às campanhas eleitorais de 2018 e 2022, ou, especificamente, na comemoração dos mil dias de Bolsonaro no poder, quando o então presidente segurava um fuzil de brinquedo ao lado de uma criança. E já nesta seleção identificamos um conjunto de gestos, posturas corporais e símbolos que sugerem, como demonstrado por Schwarcz (2020), uma “artilharia visual”, porque pareciam sempre estratégicos, alinhados com o que classificamos, em nosso argumento, como campanhas.

A Antropologia nos orientará no exame desta representação baseada em imagens e palavras. Aqui, uma não substitui ou é hierarquicamente superior à outra, como já tratou Toren (Regitano e Toren, 2019). Ao contrário, as imagens estariam no mesmo nível das limitações das palavras. Qualquer equívoco nas interpretações pode ser cometido a partir do que se está observando, do que é dito ou feito, logo, “o trabalho com imagens, em certo sentido, tem, obviamente, o mesmo problema, porque você pode olhar para elas e pensar que você sabe do que vê” (Regitano e Toren, 2019, p. 298). O uso das imagens é uma tentativa de contar a história de pessoas ou de objetos por meio de pessoas ou de objetos. Diz respeito à dimensão perdida da Antropologia, que se tornou uma disciplina de palavras, cuja primazia histórica era da palavra sobre a imagem, especialmente por ser uma ciência que duvidou da imagem, que a tratou como subalterna, complementar ou meramente ilustrativa (Schwarcz, 2014).

Portanto, texto e imagem serão tomados como dados, sempre combinados, e não mais cabe uma defesa do uso da fotografia como substituto da palavra, ou a substituição do ato de escrever pelas imagens no campo das representações (Samain, 2004). A fotografia nos conduz a muitos lugares ou a lugar nenhum por ser polissêmica. A escrita também o é, mas num grau infinitamente menor. Por isso, o texto guia faz entender, conduz, induz. Já a imagem não é o equivalente do texto; a primeira teria a função despertadora, enquanto o segundo, a enunciativa da linguagem (Samain, 2004). Assim é que a fotografia pode guiar a escrita ao mesmo tempo em que a escrita pode dar sentido, ou melhor, traduzir a imagem.

Como defende Schwarcz (2014, p. 393), não se trata de construir uma teoria da imagem, mas de dar “imagem à teoria”, tomando-a como uma “produtora de representações”. E as representações sempre envolvem, “processo e relação, incluindo-se em seu escopo cultura política, sistema de intercâmbios e transferência de valores, imaginários utópicos e realidades pragmáticas”, segundo Schwarcz (2014, p. 393). Ademais, as representações permitiriam “relacionar texto e imagem; questões éticas, do conhecimento e do poder” (Schwarcz, 2014, p. 393).

Caiuby Novaes (2008) se pergunta o que é possível dizer com a imagem e o texto. E a resposta é que o texto é nomeado e também carregado de imagens mentais e de memórias. Mas a imagem é a instância intermediária entre o sensível e o inteligível, um sistema de signos que desejam uma completa identidade com a coisa representada, como se não fosse signo. Conforme a autora, texto e imagem comunicam, pois imagens também são ideias, e decorre daí a sua capacidade de tornar presente qualquer coisa ausente. A imagem imita, mas sem ser idêntica àquilo que representa. Ou mais do que isso, a imagem produz.

A potência da imagem é que o que ela pode mostrar. Sua força não está em dizer melhor do que a palavra o que a coisa é. Não há se ou talvez na imagem, pois ela é. Seu único modo é o indicativo e seu único tempo é o presente, ignorando pretérito ou futuro (Caiuby Novaes, 2008; Pinney 1996; Anna Grimshaw 2001; MacDougall 2006; Rial 1995; Head 2009; Henri Piauult, 2000, Tacca 2002; Rocha 1995). A imagem tem a capacidade de embalsamar o tempo (Caiuby Novaes, 2008).

A imagem é em si o registro de um dado fragmento selecionado do real. Tem um recorte espacial e interrompe o tempo, congelado num determinado momento de

sua ocorrência, razão pela qual a fotografia não pode ser compreendida independentemente do processo de construção de uma dada representação (Kossoy, 2002). Todavia, a captação da cena muda algo da realidade e as fotografias não são espelhos fiéis dos fatos devidos, embora tenham um elevado status de credibilidade (Kossoy, 2002). A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações e diferentes leituras que ela suscita num dado momento. Por isso dizemos que a imagem fotográfica não só faz parte de um processo de criação da realidade no momento de sua produção como dá margem a novos processos de criação da realidade ao estar diante de novos espectadores que as ressignificam.

Segundo Kossoy, as fotografias são plenas de ambiguidades, significados não explícitos e omissões que aguardam decifração. Elas nos mostram um fragmento selecionado das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram congelados num dado momento de sua existência/ocorrência. É o *moment décisif*, como diria Cartier-Bresson (1952).

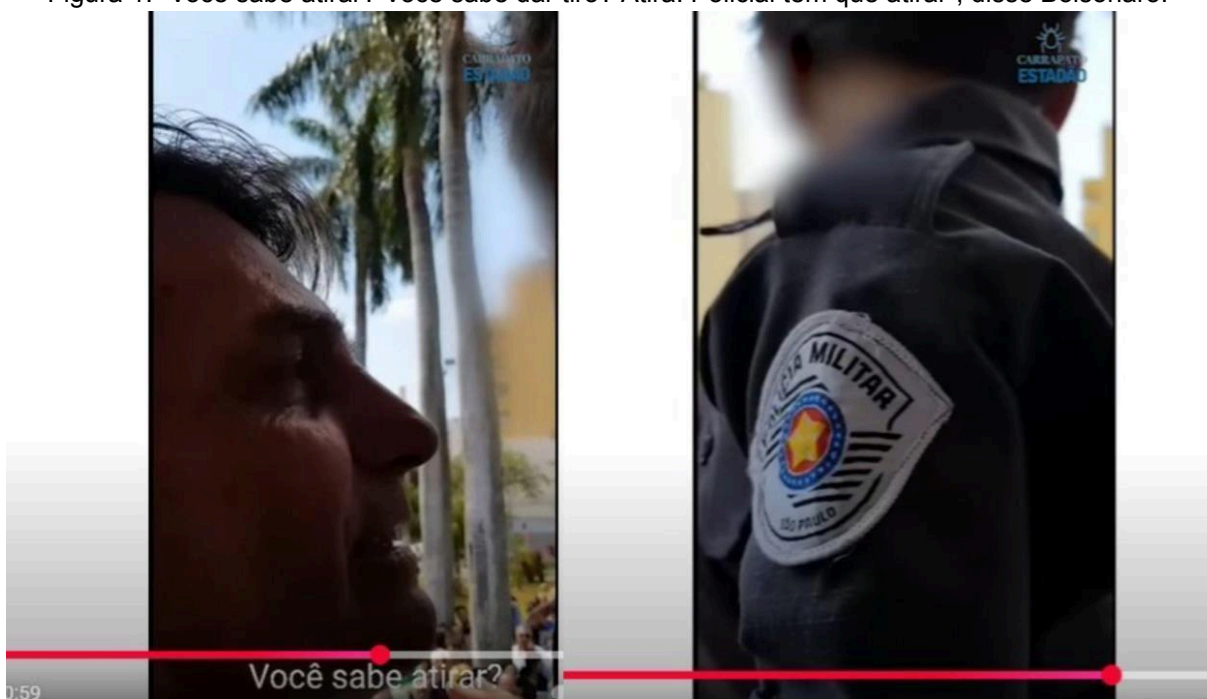
Se capturadas pela própria antropóloga, ou selecionadas por meio de outros recursos, no nosso caso a mídia, as imagens nos ajudam a conduzir uma narrativa, sem ingenuidade, ao famoso *being there* (Geertz, 2018 [1988]). Igualmente, sua análise pode fomentar o compartilhamento de uma determinada leitura de dada experiência. Nossa proposta é a decifração, de texto e imagem, nos sentidos dados por Guran (2000), quais sejam, de “descobrir” e de “contar”. Descobrir ganha aqui o sentido de obter informações, ou seja, a partir das imagens selecionadas, colocamo-nos num exercício de descrição detalhada sobre o seu conteúdo. Já contar diz respeito a demonstrar nosso argumento também por meio de texto e imagem, ou seja, a produção de uma representação de crianças e infância no bolsonarismo.

5 RESULTADOS

5.1 Você sabe atirar?

“Você sabe atirar?” foi a pergunta que Bolsonaro fez a uma criança em agosto de 2018, no interior de São Paulo, na época candidato à presidência da república, Bolsonaro ergueu no colo o menino vestido com farda da Polícia Militar e o orientou a fazer um sinal com a mão como se imitasse uma arma, gesto amplamente criticado pela sociedade civil e adversários do mesmo pleito, mas que se repetiria outras tantas vezes.

Figura 1. “Você sabe atirar? Você sabe dar tiro? Atira. Policial tem que atirar”, disse Bolsonaro.



Fonte: ESTADÃO. “Você sabe atirar?”, pergunta Bolsonaro a uma criança. Estadão, São Paulo, 1º set. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/voce-sabe-atirar-pergunta-bolsonaro-a-uma-crianca/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

A imagem anterior trata-se de uma colagem, feita a partir da captura de tela de um vídeo publicado pelo jornal "Estadão", no vídeo é possível ouvir uma voz reiterando a frase de Bolsonaro “É isso aí!”. Com Bolsonaro erguendo a criança no colo, a multidão grita em coro: “Um, dois, três, quatro, cinco mil, queremos Bolsonaro presidente do Brasil!” (Decker e Tomazela, 2018). Uma situação semelhante aconteceu em julho de 2018, quando Bolsonaro era ainda pré-candidato à presidência, dessa vez durante um evento em Goiânia:

Figura 2. Bolsonaro ensina criança a imitar uma arma



Fonte: O GLOBO. Bolsonaro ensina criança a imitar arma com a mão. O Globo, Rio de Janeiro, 26 set. 2018. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Nessa próxima imagem, que também é de uma captura de um vídeo, é possível ver Bolsonaro com um largo sorriso no rosto, ensinando didaticamente a uma garotinha, como usar os dedos polegar e indicador para simular uma arma, na sequência, ele também faz o gesto:

Figura 3. Bolsonaro e criança fazem juntos gesto arma



Fonte: O GLOBO. Bolsonaro ensina criança a imitar arma com a mão. O Globo, Rio de Janeiro, 26 set. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Figura 4: Garoto posa fazendo gesto de arma enquanto Bolsonaro o segura



Fonte: UOL. "É um retrocesso", diz Boris Fausto sobre momento histórico brasileiro. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/29/boris-fausto-eleicoes-presidenciais-bolsonaro.htm>. Acessado em: 29 de junho de 2025.

Na figura acima, novamente uma criança faz gesto de arma com as mãos, o menino parece estar posando para uma foto, Bolsonaro, que veste uma boina militar, sorri, orgulhoso da ação da criança.

O gesto da mão que imita uma arma, reproduzido por milhares de crianças em todo o país, dilui as fronteiras construídas pela modernidade entre crianças e adultos, e introduz a arma – símbolo maior da violência – como um ícone, tanto no artefato em si (arma de brinquedo) ou no gesto:

Figura 5. Deputado do ES publica foto de filha de 10 anos empunhando pistola



Fonte: Instagram

Figura 6. Em convenção de Bolsonaro, criança simula armas com as mãos



Fonte: O GLOBO, 26 set. 2018

Figura 7. Crianças com camisetas do Bolsonaro e segurando armas



Fonte: Instagram

A figura cinco consiste em uma fotografia publicada em 24 de outubro de 2019 pelo deputado estadual do Espírito Santo, Capitão Assunção. Optou-se por apresentar a imagem em formato de captura de tela, feita diretamente da rede social

do parlamentar, uma vez que a legenda que a acompanha revela informações relevantes sobre os significados atribuídos às armas no discurso bolsonarista. Na fotografia, a filha do deputado aparece vestida com uniforme escolar e segurando uma pistola próxima ao corpo. Na legenda, o deputado escreve: “Ensinando as nossas filhas o verdadeiro empoderamento! Nunca será feminazi!”. De fato, uma arma pode transmitir uma sensação de empoderamento, principalmente diante de quem se aponta. No entanto, ao utilizar o termo “feminazi” — uma expressão pejorativa para se referir às mulheres que aderem ao movimento feminista — o deputado sugere que não é por meio da busca por equidade que uma mulher se fortalece, mas sim pela força bruta e pela violência. Assim, o empoderamento é representado de forma distorcida, reduzido à lógica armamentista.

Já nas figuras seis e sete, há elementos em comum que as conectam: em ambas, crianças aparecem vestindo camisetas estampadas com a imagem de Jair Bolsonaro e simulando ou segurando armas. A primeira foi registrada durante uma convenção do ex-presidente; a segunda, publicada pelo deputado federal Ricardo Barros. Cabe destacar que o foco da análise está na imagem em si. No entanto, é relevante mencionar que a postagem feita pelo deputado ocorreu um dia após o atentado a uma escola em Suzano, no interior de São Paulo, onde dois jovens armados assassinaram oito pessoas antes de cometerem suicídio. Na legenda, o parlamentar afirma: “O Brasil vive uma nova ordem, para o bem ou para o mal”. O objetivo da publicação não é claro, mas a imagem das crianças empunhando armas não deixa de ser impactante.

Desde 2018, Bolsonaro inicia a campanha eleitoral a favor das armas, formatando o corpo das crianças, sobretudo as mãos, para divulgar o seu símbolo, incitando e incutindo nelas, e em suas famílias, o interesse pelo universo da defesa e da violência. Ao fazê-lo, o bolsonarismo se polariza a partir de uma complexa contradição entre o mito da inocência e o apelo à violência, ou seja, ao mesmo tempo em que defende a inocência das crianças – às ideologias de gênero, por exemplo – defende a liberação de armas de fogo para civis como a expressão máxima de sua proteção.

5.2 Bolsonaro só para baixinhos

Outra característica que evidencia a performance adultificada de crianças no

contexto do bolsonarismo é a vestimenta. Peças típicas da infância, como vestidos e camisetas coloridas, cedem lugar a fardas militares e fantasias de policiais, sinalizando a incorporação simbólica de papéis adultos associados à autoridade e ao poder.

Figura 8. Bolsonaro ergue criança fardada e com arma de brinquedo



Fonte: O TEMPO, 30 set. 2021

Figura 9. Bolsonaro e Capitão Mirim posam para foto



Fonte: Instagram

A figura oito é uma fotografia de 30 de setembro de 2021, produzida em Belo Horizonte, em um evento político do então presidente, Jair Messias Bolsonaro. É possível notar Bolsonaro sorrindo com a criança em seus ombros, a arma, tapa o rosto da criança e ao fundo, o slogan do mandato do ex-presidente: “Pátria Amada, Brasil”. Na época, a foto foi amplamente divulgada por veículos e redes sociais, tomando repercussão internacional quando a ONU, por meio do Comitê de Direitos das Crianças, publicou uma nota desaprovando o uso que Bolsonaro faz de crianças, vestidas com roupas militares para promover sua agenda política.

Capitão Guerra Mirim ou “Bolsonarinho”, como também é conhecido, posa ao lado de Bolsonaro na figura nove. Pedro Lucas Almeida Guerra é o nome verdadeiro da criança que na época da foto tinha apenas 6 anos de idade, segundo reportagem do Diário de Notícias (2019), o pai da criança, que era coordenador de movimentos de rua a favor do ex-presidente e conta que a paixão de Pedro por Bolsonaro começou durante a campanha eleitoral de 2018 e resultou em diversos posters do Bolsonaro nas paredes do quarto, além de páginas nas redes sociais para publicar fotos vestindo boina; algemas; pistola e cassetete de plástico, conforme mostra a figura a seguir:

Figura 10: Perfil no Instagram do Capitão Guerra Mirim



Fonte: Instagram

Na figura que exibe o perfil da rede social do Capitão Guerra Mirim, é possível observar que ele é seguido por mais de 16 mil pessoas. Geralmente, na foto de perfil de cada usuário consiste apenas uma foto de si próprio, mas no perfil de Pedro, inclui também a figura de Jair Bolsonaro, o que evidencia o grau de importância simbólica que o ex-presidente ocupa em sua identidade online. Além disso, chama atenção o fato de que não há publicações que mostrem o menino realizando atividades comuns da infância, como brincar ou estudar. Em vez disso, predominam imagens ao lado de Bolsonaro, como as que serão apresentadas a seguir:

Figura 11. Bolsonaro e Bolsonarinho de apertando as mãos



Fonte: Instagram

Figura 12. Bolsonarinho bate continência a Bolsonaro



Fonte: Instagram

Ao analisar as imagens publicadas no perfil do Capitão Guerra Mirim, como as das figuras onze e doze fica incontestável a idolatria da criança pela figura do ex-presidente, mas será mesmo que essa exaltação surgiu de forma espontânea?

Em entrevista concedida à revista *Piauí* (2019), o pai do menino revela ser um policial frustrado, uma vez que diz sempre ter sonhado em seguir essa carreira, mas nunca fez concurso por preguiça de estudar. Bourdieu (1996) defende o conceito de *habitus*, como a forma que o indivíduo pensa e age no mundo social, surgindo inicialmente no trabalho pedagógico primário, ou seja, no núcleo familiar.

Nesse sentido, os filhos tendem a reproduzir os valores, visões de mundo e estruturas simbólicas dos pais, funcionando como reflexo e continuidade de seu universo social e ideológico. Dentro do bolsonarismo, essa dinâmica adquire um contorno ainda mais significativo: os filhos são frequentemente transformados em veículos de propagação ideológica, como é o caso do pequeno Pedro Lucas, que, provavelmente sem perceber, torna-se parte ativa de uma narrativa política que instrumentaliza a infância como território de disputa simbólica e moral.

5.3 Ensinando a marchar

A promoção do discurso da ideologia militar na infância por Bolsonaro vai além de episódios envolvendo crianças em suas manifestações. Em diversos momentos, observa-se o empenho direto do ex-presidente em reforçar esse discurso através de suas redes sociais, evidenciando sua intencionalidade na disseminação desses valores, conforme mostram as figuras a seguir:

Figura 13: Publicação feita por Bolsonaro



Fonte: Facebook

Figura 14: Publicação feita por Bolsonaro no X



Fonte: X

Na figura treze, é possível ver uma publicação feita em fevereiro de 2016 na página oficial de Bolsonaro no Facebook, onde ele faz um contraste entre duas imagens, na esquerda duas crianças vestem fardas da polícia militar e na direita, um menino vestido de princesa. Ao polarizar as fotografias, Bolsonaro faz uso de uma linguagem agressiva na legenda, numa clara estratégia discursiva de associar as características militares a valores morais positivos, ao mesmo tempo que deslegitima manifestações de gênero não heteronormativas. A postagem teve mais de 100 mil curtidas e soma mais de 11 mil comentários, sendo a maioria concordâncias com a opinião do ex-presidente.

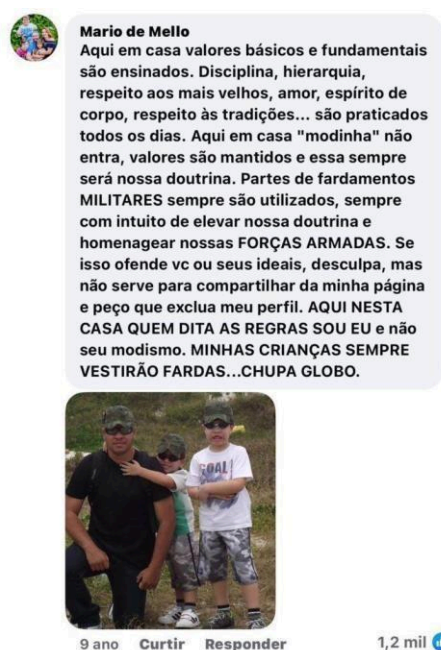
Em sequência, temos outra postagem de Bolsonaro, dessa vez, na rede social X (ex-twitter), feita em agosto de 2018, durante sua primeira campanha à presidência do Brasil. A figura é uma captura de tela de um vídeo, onde crianças (sendo uma delas Carlos Bolsonaro, filho de Bolsonaro) portam pedaços de madeira simbolizando armas e marcham ao som de uma trilha instrumental que remete ao exército.

O que chama atenção na publicação de 2018 é como ela traça paralelos com a postagem de 2016, apresentada na figura treze. Em ambas, Bolsonaro recorre à

imagem de crianças para reforçar valores conservadores e, simultaneamente, constrói um discurso de rejeição à diversidade de gênero. Isso se evidencia na crítica à capa da revista Nova Escola e na afirmação: “A bronca por parte da imprensa é que não vesti meus filhos de menina”. A farda e a arma aparecem como símbolos de uma infância idealizada, enquanto a expressão de gênero é tratada como ameaça moral.

No Bolsonarismo, o compartilhamento de imagens de um filho brincando de soldado vai muito além de um gesto inofensivo. Em um contexto de guerra ideológica, as redes sociais são transformadas em palcos, onde Bolsonaro performa a figura de defensor da “família tradicional”. Além do próprio Bolsonaro, os pais das crianças também se mostram bastante empenhados em tornar os filhos pequenos portadores da ideologia militar como prática educativa. Quase como um efeito manada que surge a partir das publicações de Bolsonaro, várias fotografias de crianças e até bebês usando adereços militares começam a surgir:

Figura 15: Relato de um pai e seguidor de Bolsonaro



Fonte: Facebook

Figura 16: Pai compartilha foto de bebê usando camisa com estampa militar



Fonte: Facebook

Ambas as imagens expressam um fenômeno que Debord (1967) chamaria de espetacularização da ideologia, onde a criança é transformada em signo de pertencimento político nas redes. As fotografias nos revelam que as roupas usadas pelas crianças não se limitam apenas ao figurino, elas ilustram bem como a infância no bolsonarismo é militarizada por meio do uso da farda como extensão de uma doutrina familiar e de uma identidade moral, patriótica e de autoridade.

5.4 Materialismo no Bolsonarismo

As camisetas com estampas militares, as boinas e bonés ilustram como a ideologia bolsonarista se infiltra no espaço doméstico e invade os corpos infantis por meio também da cultura materialista, conforme pode ser observado nas próximas figuras:

Figura 17: Pijama de bebê com tema de Bolsonaro



Fonte: Amazon

Figura 18: Roupa de bebê com tema de Bolsonaro



Fonte: Shopee

As imagens catorze e quinze revelam como o discurso político de Bolsonaro se transformou em uma mercadoria voltada também para o público infantil, onde nem mesmo o corpo de um bebê deixa de se tornar um instrumento de propaganda ideológica.

Podemos notar que a ilustração da roupa na figura dezessete é carregada de símbolos da identidade bolsonarista, onde a figura de Bolsonaro aparece segurando

fortes armas de fogo em um cenário de guerra e simulando uma estética heroica sobre a bandeira do PT, que está completamente em chamas. Uma roupa muito diferente do que se costuma ver crianças usando.

Na figura dezoito, embora a estampa seja menos violenta se comparada a anterior, o uso da frase “Meu partido é o Brasil”, comprova como nesse contexto bolsonarista a criança é inserida de forma muito precoce na narrativa nacionalista, mesmo antes de ter consciência crítica. Dessa forma, mais uma vez a criança é tida como um adulto em miniatura.

A comercialização de roupas infantis com imagens heroicas de Jair Bolsonaro revela mais do que um mercado de produtos políticos: ela expõe uma tentativa de inserir, desde os primeiros meses de vida, a criança em um imaginário de exaltação militar, disciplina e patriotismo. Essa representação da infância como território ideológico não se restringe ao consumo. Ela se estende às políticas públicas estruturadas, como é o caso do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (PECIM), criado em 2019 durante o governo Bolsonaro.

5.5 Formando Militares

Se nos produtos comercializados o corpo da criança é instrumentalizado como vitrine simbólica de valores conservadores, nas escolas cívico-militares esse processo se institucionaliza oficialmente, por meio da presença de militares na gestão escolar e da ênfase em uma formação disciplinar que ecoa os mesmos ideais propagados pelo bolsonarismo.

Vejamos nas figuras a seguir quais os discursos visuais são transmitidos nesse modelo de escola:

Figura 19: Crianças uniformizadas em escola cívico-militar



Fonte: UNIÃO DO SUL. MT terá 30 novas escolas cívico-militares para o próximo ano. União do Sul Câmara Municipal. Disponível em: <https://uniaodosul.mt.leg.br/noticias-em-geral/item/1087-mt-tera-30-novas-escolas-civico-militares-para-o-proximo-ano>. Acesso em: 28 jun. 2025.

Figura 20: Crianças assistindo aula em uma escola cívico-militar



Fonte: PSTU. As escolas cívico-militares e a doutrinação da juventude. Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado, 24 ago. 2022. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/as-escolas-civico-militares-e-a-doutrinação-da-juventude/>. Acesso em: 28 jun. 2025.

A imagem de crianças uniformizadas em uma escola cívico-militar, colocadas em formação e com expressões de seriedade, mostrada na figura dezenove, nos revela sobre esse processo de militarização da infância que foi promovida por meio de programas educacionais no governo Bolsonaro. Elementos como a farda e a linguagem corporal marcam essa proposta pedagógica alternativa que parece querer reprimir as subjetividades das crianças e reformulá-las aos moldes do conservadorismo militarista.

Na figura vinte a imagem mostra uma sala de aula inteiramente composta por crianças fardadas, sentadas em suas carteiras, com posturas alinhadas e atenção voltada à frente. Todas vestem uniformes cívico-militares, com boinas e insígnias nos ombros, compondo uma cena de notável padronização estética e comportamental.

Na primeira imagem, nota-se que o foco está em uma menina loira, embora seu corpo atenda a padronização estética e comportamental que compõe a cena, seu olhar parece transmitir algo mais. Há uma distância em seu olhar que parece romper, mesmo que discretamente, a rigidez do momento. Isso nos sugere um diálogo interno, como se ela precisasse transmitir uma mensagem para si mesmo de que tudo vai ficar, frase que só pronunciamos ou mentalizamos quando estamos em

situação de medo. Na figura seguinte, outro gesto corporal tensiona a lógica de disciplina e controle à qual a infância está sendo submetida: Enquanto a maioria dos garotos está com os braços apoiados na carteira, uma se encontra acanhada, com os braços e pernas escolhidos.

Em vez de promover uma educação cidadã e crítica, a escola cívico-militar se apresenta como um dispositivo de controle dos corpos infantis, alinhando-se ao discurso bolsonarista que associa autoridade e disciplina à “boa formação”, somado a isso, as observações feitas com duas garotas em contextos diferentes nos faz questionar as anulações feitas ao gênero feminino dentro das escolas cívico-militares, uma vez que incorpora valores como ordem, hierarquia, disciplina e patriotismo e promove uma concepção masculinizada da infância, desvalorizando traços considerados “frágeis” ou “femininos”, enquanto enaltece um ideal de força, coragem e honra, características que historicamente compõem o imaginário do masculino militarizado.

Ao longo do governo Bolsonaro, o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares foi responsável pela implementação de mais de 200 unidades em todo o país, institucionalizando o que antes era apenas performance simbólica em redes sociais e produtos culturais.

Figura 21: Bolsonaro inaugurando escola cívico-militar durante a pandemia



Fonte: GOV.BR. Presidente Bolsonaro inaugura a primeira escola cívico-militar do Rio. Brasília: Portal Gov.br, 07 ago. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2020/08/presidente-bolsonaro-inaugura-a-primeira-escola-civico-militar-do-rio>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Figura 22: Bolsonaro durante visita a escola cívico-militar de São Paulo



Fonte: ALBUQUERQUE, Jean. Escolas cívico-militares podem ser nocivas à liberdade e criatividade, segundo especialistas. JC Concursos (UOL), 13 jul. 2023. Disponível em:

<https://jcconcursos.com.br/noticia/brasil/escolas-civico-militares-podem-ser-nocivas-a-liberdade-e-criatividade-segundo-especialistas-113601>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Figura 23: Bolsonaro sorrindo para estudantes de escola cívico-militar



Fonte: AGORA RN. Presidente Jair Bolsonaro anuncia instalação de escola militar em Natal. Natal: Agora RN, 04 jun. 2019. Disponível em: <https://agorarn.com.br/geral/presidente-jair-bolsonaro-anuncia-instalacao-de-escola-militar-em-natal/>. Acesso em: 2 jul. 2025.

Nessas últimas imagens apresentadas em nosso trabalho, é possível notar que, para além do entusiasmo de Bolsonaro ao visitar as escolas cívico-militares, ele se empenhou para que essa fosse uma pauta amplamente trabalhada durante seu governo, marcando presença nas inaugurações, como ilustra a figura vinte e um e posando com as crianças para divulgar seu projeto de militarização do ensino.

Conforme abordamos em nosso referencial teórico, essa ênfase na militarização da educação reflete o fortalecimento do conservadorismo e da doutrinação nas escolas públicas, onde a infância deixa de ser vista como um espaço de livre desenvolvimento para se transformar em um campo de disputa ideológica. Ao privilegiar valores como disciplina, obediência e autoridade, o que se tem é uma limitação da autonomia e criatividade das crianças, além de aproximar o ambiente escolar de um contexto mais repressivo e controlador, alinhado aos princípios de um regime autoritário.

Em 2023, o programa foi encerrado, mas não sem antes deixar marcas visíveis na forma como a infância passou a ser pensada: não mais como fase de experimentação e descoberta, mas como território estratégico para a reprodução de valores conservadores, militares e patriarcais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os resultados que obtemos por meio dos discursos visuais analisados, podemos dizer que Müller & Sousa (2024) estão corretas em sua hipótese de que o bolsonarismo opera com uma concepção própria de infância. A análise das imagens, sejam elas de crianças imitando armas, vestindo fardas ou sendo erguidas por Jair Bolsonaro em eventos públicos, nos revelou uma operação ideológica profunda, que transforma os corpos infantis em vitrines de valores como disciplina, autoridade, patriotismo e masculinidade hegemônica. O uso da criança como signo político, presente tanto nas redes sociais quanto nas políticas públicas, como o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, aponta para uma tentativa deliberada de moldar a infância a um ideal conservador.

Pudemos observar que a estética militarizada atravessa desde o vestuário infantil até a estrutura escolar, rompendo com a diversidade de expressões que as próprias crianças nos trazem. A ideia de “infância protegida”, tão presente no discurso bolsonarista, revela-se contraditória diante da recorrente associação entre crianças e armas e da naturalização de posturas adultificadas e violentas.

Embora o programa das escolas cívico-militares tenha sido encerrado em 2023, os efeitos simbólicos desse modelo continuam a reverberar na sociedade brasileira. O bolsonarismo deixou como herança não apenas uma política educacional pontual, mas uma forma de olhar e representar a criança: como território de disputa ideológica, peça estratégica na guerra cultural e ascensão das extremas direitas no Brasil. Com isso, este estudo reafirma a importância de pensar a infância não como extensão de projetos políticos, mas como sujeito de direitos, autonomia e pluralidade, princípios incompatíveis com qualquer forma de militarização simbólica ou institucional.

Neste trabalho, cujo objetivo geral é analisar de que forma os discursos visuais produzidos no bolsonarismo contribuem para a construção de uma infância militarizada, utilizamos os métodos da análise de conteúdo e da análise semiótica. Nosso foco esteve voltado para a interpretação crítica de imagens que articulam os universos simbólicos do bolsonarismo e da infância. A proposta busca contribuir com os estudos da infância no Brasil, bem como com os campos da Antropologia e da

teoria política, ao investigar os processos de militarização da infância no contexto do bolsonarismo.

REFERÊNCIAS

ALANEN, L. **Rethinking Childhood**. Acta Sociologica, v. 31, n. 1, p. 53-67, 1988.

ARENDT, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.17.

ARIÈS, P. **Barndommens historie**. København: NNF Arnold Busck, 1982.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a edição, Rio de Janeiro: Guanabara, 1986 [1960].

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 10. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.

BALANDIER, G. **O poder em cena**. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Ed. UnB, 1982 (Coleção Pensamento Político), p.5.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHES, Roland. **Elementos da semiologia**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

BENEDICT, R. **Continuities and discontinuities in cultural conditioning**. Psychiatry, Arlington, v.1,n.2, p.161-167, 1938.

BRAIDA, Frederico; NOJIMA, Vera Lúcia Moreira dos Santos. **Hibridismos entre os signos sonoros, visuais e verbais no webdesign**. Galáxia, São Paulo, n. 28, p. 151–161, jul./dez. 2014.
<https://doi.org/10.1590/1982-25542014128>

BRASIL. **Decreto no 10.004, de 5 de setembro de 2019**. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2019/decreto-10004-5-setembro-2019-789086-publicacaooriginal-159009-pe.html>. Acesso em: 09 jul. 2025.

CARVALHO JUNIOR, N. R.; CARVALHO, R. S. P. **Bolsonarismo e desdemocratização: o alerta nas conquistas de cidadania e consolidação democrática**. Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania, v. 7, n. 7, p. 224-245, 11 mar. 2020.

CASTRO, Lucia Rabello de; GRISOLIA, Felipe. **Subjetivação pública ou socialização política? sobre as articulações entre o “político” e a infância**. Educação & Sociedade, 37, 137: 971-988, 2016. DOI:
<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302016167363>

CATALANI, F. **Aspectos ideológicos do bolsonarismo**. Blog da Boitempo, 31/10/2018.

CHAGAS, Viktor. **Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 34, n. 72, p. 169-196, jan./abr. 2021.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERREIRA, Juliana Boanova Souza; SANTOS, Suelen Assunção. **Implementação do programa escola cívico-militar: os efeitos do dispositivo de terceirização**. Revista Eletrônica de Educação, v. 18, e6774127, p. 1–19, jan./dez. 2024. DOI: 10.14244/reveduc.v18i1.6774.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. (org.). **Brasil em transe: Bolsonaroismo, Nova direita e Desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

GARBARINO, J. **Can american families afford the luxury of childhood?** Child Welfare, Arlington, v.65, n.2, p.119-128, 1986.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Matoso. Petrópolis: Vozes, 1985 [1956].

GRIMSHAW, Anna. **The ethnographer's eye: ways of seeing in anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HEAD, Keith. **The experience of modernity: Modernity, culture and society**. Cambridge: Polity Press, 2009.

JAMES, A.; PROUT, A. **Constructing and Reconstructing Childhood: contemporary issues in the sociological study of childhood**. Washington, D.C.: Falmer Press, 1997.

JANS, M. **Children as Citizens: towards a contemporary notion of child participation**. Childhood, v. 11, n. 1, p. 27-44, 2004.

JAY, Martin. **Introdução: Vision in context: reflections and refractions**. In: BRENNAN, Teresa e JAY, Martin (Eds.). *Vision in context: historical and contemporary perspectives on sight*. New York/London: Routledge, 1996.

JAY, Martin. **That visual turn: the advent of visual culture**. Journal of visual culture, v.1, n.1, p. 87- 92, 2002.

JENKINS, Henry. **Introduction: childhood innocence and other modern myths**. In: JENKINS, H. (ed.). *The children's culture reader*. New York: New

York University Press, 1998. p. 1-37.

JENKS, Chris (Ed.). **Visual culture**. London/New York: Routledge, 1995.

KNAUSS, Paulo. **Aproximações disciplinares: história, arte e imagem**. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Jane Soares de; REIS, João José (org.). *História e imagem: os múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008. p. 21–36.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LARKINS, C. **Enacting children's citizenship: developing understandings of how children enact themselves as citizens through actions and Acts of citizenship**. *Childhood*, v. 21, n. 1, p. 7-21, 2014.

LIMA, I. G.; HYPOLITO, A. M. **A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira**. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 45, e190901, 2019.

LIMA, Jéssica de S.; SOUSA, Emilene L. **Autonomia Das Crianças Versus Controle Institucional: uma análise da agência infantil em uma casa abrigo de Imperatriz**. *Revista Pós Ciências Sociais*, 17, 33: 297-318, 2020.

LISTER, R. **Why citizenship: where, when and how children?** *Theoretical Inquiries in Law*, v. 8, n. 2, p. 692-718, 2007.

MÜLLER, Fernanda; SOUSA, Emilene Leite de. **Três campanhas e uma representação: a infância pré-moderna no bolsonarismo**. *Revista Antropolítica*, v. 56, n. 3, Niterói, e58456, 3. quadri., set./dez., 2024.